

A Reforma Vista Por Um Olhar Marginal (Parte I - Na Suíça)

Luis Felipe Mendes do Nascimento

Resumo

O movimento Anabatista tem sido desprezado pela história, é o filho bastardo da Reforma, o qual foi visto com um olhar marginal. Nesse olhar, havia um espírito de liberdade que queria mudanças mais profundas na sociedade. Era um movimento sem consciência de que seria. Voltar às origens era o motivo de tudo. O batismo não é a sua principal característica. Chamavam-se de “Irmãos”. Criam na necessidade de “iluminação interna” que complementaria a Palavra externa. Em geral, davam ênfase à simplicidade, santidade e boas obras. Alguns dos seus líderes na Suíça foram Felix Mantz, Conrad Grebel e Miguel Sattler que morreram depois de março de 1526, quando houve o primeiro decreto que estabeleceu a pena de morte para quem se declarasse anabatista. Em 24 de fevereiro de 1527, Sattler presidiu uma conferência dos Irmãos Suíços em Schleithem a qual produziu a Confissão de mesmo nome.

Palavras-chaves: reforma – anabatistas - Suíça

Abstract

The Anabaptist movement has been despised by history. It is the bastard son of the Reformation, having received only a marginal view. According to this view there was a spirit of liberty that wanted more profound changes in society. It was a movement without conscience of what it actually was. To go back to the origins was the purpose of it all. Baptism was not its main characteristic. They were called the “brethren”. They believed that “internal illumination” was necessary in order to complement the external Word. In general they gave emphasis to simplicity, sanctity, and good works. Some of its leaders in Switzerland – Felix Mantz, Conrad Gabel, and Michael Sattler – died after March 1526, when the first decree that established the death penalty to those who confessed to be Anabaptist was issued. On February 24th, 1527, Sattler presided over conference of the Swiss Brethren in Schleithem, which produced the Confession by the same name.

Key-words: Reformation – Anabaptists - Switzerland.

Introdução

O movimento Anabatista tem sido desprezado pela história, mesmo a eclesiástica, visto como uma consequência não desejada da Reforma, um defeito no processo polido e perfeito da Reforma Magisterial. Os Anabatistas são os filhos bastardos da Reforma. É preciso resgatar um pouco em que se pensava e quais os ideais dessa Reforma não oficial; a reforma que foi delineada nas margens da Sociedade e na direção contrária ao poder instituído. Os Anabatistas viram a reforma com um olhar marginal, excluído, quer os que se envolveram no desafio aberto e hostil, quer os que se submeteram ao martírio por sua visão de fé.

Nesse olhar marginal havia um espírito de liberdade que não se contentou em contestar o Império e a Igreja Romana, mas que queria mudanças mais profundas na sociedade, na própria concepção de igreja e na relação entre os seres humanos, até mesmo entre as classes da sociedade de então, mudanças que implicariam na questão dos direitos humanos, no conceito de liberdade e outros.

Esse espírito de liberdade tomou posse dos vazios deixados pela Reforma Magisterial e foi além. Fez propostas que levariam séculos para serem encampadas pela sociedade como um todo. Portanto em sua época eram vistos como marginais, hereges, enviados de Satanás, ao mesmo tempo em que devolviam esse olhar e viam a Reforma Magisterial e a Igreja Católica como herege, satânica, etc. Essa situação vai evoluindo da teologia para a política e dela para a violência sem restrições.

Na maior parte dos casos, esses libertários pagaram com a vida o seu sonho de liberdade. Há afirmações (da história confessional, portanto há algumas restrições aqui) que houve mais mortos nesta época do que até mesmo nas origens do cristianismo. Isso mostra a dramaticidade do momento vivido pelos anabatistas e seus contemporâneos.

O cristianismo provou mais uma vez que apesar de sua vocação para a paz, para a dignidade da vida humana e liberdade, na prática se sente atraído pelo sangue, pela violência, meias verdades e pelo maniqueísmo.

Entendo que não se pode esperar de uma sociedade valores que não fazem parte da sua consciência, do imaginário coletivo que a inspira. Lutero, Calvino, Zwínglio e outros

não podem ir além do ambiente que os produziu. Mas é interessante pensar que esses homens – anabatistas - juntos com Erasmo e outros, conseguiram compor com suas vidas e reflexões uma história alternativa que lançou sementes que vieram a fazer parte da história da humanidade e vingaram em outras épocas.

*“Os anabatistas procuraram alternativas para uma Igreja carente de mudanças... No anabatismo vamos encontrar o protesto evangélico,... Nele encontramos elementos da teologia e piedade medievais, das teologias de Lutero, de Zwinglio e de Calvino, mas também temos que admitir que não é nem católica tampouco protestante. O anabatismo é uma alternativa a católicos e protestantes”.*¹

Era uma frente ampla, um movimento sem consciência, espontâneo, obcecado com tudo aquilo que fosse religioso, ansiava por mudanças e pela purificação da igreja. Voltar às origens era o motivo de tudo. Creio que era o próprio vigor primitivo da Reforma, rebelde, desorganizado e apaixonado, sem arranjos, sem concessões políticas e nem religiosas, eles não estavam preocupados em agradar a hierarquia em qualquer uma de suas formas. Tinham a liberdade para pensar e para construir o novo. Essa sanha que de tempos em tempos toma conta do coração do povo (mesmo que recheado por pessoas de outras classes, que tenham o coração voltado para a justiça), dos marginalizados ideológica e socialmente. Normalmente são regados à espada e sangue pelos donos do poder.

O seu desejo era mudança rápida e mortal, de tal forma que os modelos antigos fossem exterminados sem condições de restauração, viam a Lutero e a Zwinglio e outros pregadores como empecilhos nesse processo, pela sua lentidão, desconfiavam de sua atitude, achavam que havia algo por trás.

“Comum a eles era também o fato de que, onde apareciam, havia ‘perturbação da ordem pública’, de modo que sempre vamos encontrar a polícia no seu encalço. Reuniam-se às ocultas em casas abandonadas, em barcos no meio de rio, na mata, e liam a Bíblia sem acompanhamento ‘oficial’. As perseguições que sofreram foram terríveis. Podiam ser consideradas pessoas acuadas, em peregrinação quase que constante. Eram homens, viúvas, jovens, mulheres grávidas, que eram lançados em prisões, onde apodreciam na maioria das vezes sem renunciar a suas convicções. Eram marginais, sofrendo o martírio. Mesmo assim, sofrimento e martírio não foram capazes de levá-los à unidade. As bases doutrinárias para sua prática batismal, para o martírio e perseguição que sofriam eram tão distintas, que não forneciam base para um consenso mínimo. Restou para eles o estigma de

¹ Dreher, Martin N. *A Crise e a Renovação da Igreja no período da Reforma*. P.65

*reformadores anárquicos. Neles se gestava a luta moderna por liberdade de opinião e de consciência.”*²

Temos que acrescentar que havia outras tantas formas de martírios: queimados, línguas arrancadas, afogados (um grande número, ironizando o rebatismo). Esses homens eram movidos por convicções maiores do que a vida, como convém a mártires, a diferença é que como elas foram derrotadas, as suas histórias tornam-se a história dos vencidos, eles passam para a história dos vencedores como “perturbadores da ordem pública”. É interessante que o brilhante historiador eclesiástico Martin N. Dreher não analisa o fato de que estes sofreram perseguições terríveis e foram acuados, portanto não tiveram tempo nem oportunidade de chegarem à unidade. Todas as tentativas de dar uma forma ao movimento ou aos movimentos anabatistas terminaram em chacinas, o que pode explicar a sua falta de unidade, não havia exércitos, nem o Estado por trás deles para garantirem o tempo necessário para construir um movimento unido, no entanto o exército estava atrás deles, perseguindo-os e os donos do poder mandando matá-los.

*“O anabatismo não é uniforme. Houve diversos movimentos anabatistas. Seus primórdios devem ser localizados no início da década de vinte do século XVI. São os anos do ‘crescimento anárquico’ da Reforma. É um período de grande descontentamento em relação ao clero, de agitação anticlerical, de reformas sem perspectivas muito claras... Formavam uma ‘frente’ político-eclesiástica. Os argumentos que formavam a base para sua crítica eram os mais distintos; distintas eram as propostas para uma Igreja e para uma sociedade melhoradas.”*³

É impossível descrever de forma absoluta as peculiaridades desse movimento, há mais de 50 grupos diferentes. O anabatismo foi o produto de uma manifestação quase simultânea, em diferentes países da Europa, sob a direção de líderes com as mais diversas formações religiosas, eruditas, humanistas e até mesmo sem nenhuma preparação formal. Há até mesmo uma dificuldade: qual o critério que se deve usar para determinar qual grupo pertence ao movimento anabatista e qual não? O que é possível fazer é dar uma idéia das crenças mais comuns entre eles. Uma coisa é certa o batismo não é a sua principal característica, ou aquilo que os define. Este nome foi dado pelos opositores, só descrevia uma de suas características, mas não o fundamento de seu sistema de crenças. Anabatista era sinônimo de tudo de ruim. Era o monstro que a todos podia devorar. Mas entre eles se chamavam de “Irmãos”, e um tema comum entre eles era: volta ao passado,

² *Idem* p. 66

³ *Idem* p. 66

aos direitos antigos, ao modelo de vida da igreja apostólica, aos ensinamentos do Novo Testamento.

Acrescentavam a isso a necessidade de “iluminação interna” que complementaria a Palavra externa. E nessa doutrina havia vários matizes de um grupo ao outro, indo a extremos que davam espaço e expressões de fé intensamente emotiva.

Em geral davam ênfase à simplicidade, santidade e boas obras. Alguns negavam o ensino generalizado do pecado original. A Ceia do Senhor era vista como um símbolo memorial do sofrimento e morte de Jesus Cristo. Era inaceitável a interferência do Estado sobre a igreja. Ninguém deveria ser coagido em assuntos religiosos, ou condenado por isto. A única punição da igreja seria a excomunhão. Tinham muita tolerância para com todos os grupos. Eram em sua maioria contra o serviço militar e a participação do crente em postos governamentais. Outros negavam a existência do Diabo, a Trindade, as penas eternas.

Outra área de posições diferenciadas da igreja estatal era a respeito das questões sociais. Esse desejo comum aos anabatistas a respeito do retorno à igreja neotestamentária também implicava que a estrutura social deveria ser afetada e igualmente dirigida pelas Escrituras.

Estavam eles convencidos que as leis existiam somente para os injustos e desobedientes, e que aqueles que espontaneamente praticavam as leis de Deus, estavam livres de estarem debaixo da obediência da lei, porque obedeciam a uma lei maior. Mas enquanto houvesse ímpios, deveria haver um poder controlador: o Estado, o que obriga os crentes a se submeterem a ele e sofrerem até perseguição, mas o modelo almejado de uma sociedade composta por crentes, eliminaria a necessidade da existência do Estado.

Quando os anabatistas se posicionavam contra os cargos públicos, serviço militar, votos de fidelidade, eles estavam se posicionando contra a Igreja estatal, que considerava herética, mas ao fazer isso se tornava um apátrida e suspeito de traição, pois a igreja atrelada ao estado tornava-se um ente só com este. Ao se separar da igreja, o anabatista se separava do estado e se tornava subversivo.

Os anabatistas não podiam e não queriam fazer juramentos civis, isso quebrava um dos elos importantes da vida social da Alemanha e da Suíça do século XVI. Ensinavam também que o crente não deveria ter propriedade privada e que deveria buscar viver em forma duma comunidade de bens. Nesse ponto havia alguns que exigiam esse modelo e outros que o colocavam como secundário e não essencial. Isso mexia com a classe dominante e com os excluídos do modelo social vigente.

Por serem considerados subversivos, viam-se obrigados a viverem na clandestinidade, isso determinou um modelo de viver à igreja, e uma maneira de vê-la. O progresso do anabatismo foi feito à base de pregadores que iam de cidade a cidade levando o que julgavam ser a mais pura expressão da fé cristã restaurada. Não se julgavam como formadores de um matiz novo da fé cristã, mas se viam como restauradores da fé primitiva dos apóstolos.

Para se manterem na clandestinidade, fortaleceram os grupos caseiros, viam a igreja como uma comunidade marcadamente familiar, com amor fraternal e íntimo. Só como pequenos grupos podiam manter-se ocultos dos que os perseguiam. Desenvolveram também um padrão alto e exigente quanto ao julgar uns aos outros. Isso se mantinha pela necessidade de se protegerem, uma traição não seria meramente uma questão religiosa, porém implicaria na morte de vários irmãos. O Compromisso entre os irmãos deveria ser tão profundo, a ponto de enfrentarem juntos à morte.

Em alguns grupos de anabatistas, principalmente aqueles que são posteriores à guerra dos camponeses, surge como forte componente de sua identidade o pacifismo. Isso dentro do contexto do século XVI, onde havia tantos motivos para recorrer à violência, chega a ser surpreendente. Certos grupos desenvolveram uma consciência clara a favor da não violência, contra a guerra, serviço militar, e qualquer outro tipo de violência quer da parte do Estado, quer da parte do ser humano individual. Segue um resumo das possíveis contribuições que o movimento anabatista fez:

A. Estilo de vida: *seguir a Cristo*

- *Espiritualidade pessoal, devoção íntima (derivada do misticismo medieval)*
- *Discipulado e disciplina: santidade e moral pessoal (derivado das correntes mais severas do monarquismo medieval)*
- *Ética de amor: objeção de consciência, não violência.*

B. Eclesiologia: *separação do mundo*

- *Comunidade de irmãos e rimas: A igreja é livre em dois sentidos: (1) participação voluntária; (2) independência do Estado.*
- *Solidariedade nas necessidades materiais*
- *Inconformismo com o mundo; conformismo com as regras da comunidade (note-se outra vez certa influência do monarquismo).*
- *Células pequenas, íntimas, de compromisso até a morte (por perseguição e clandestinidade). Quase sempre careciam de estruturas maiores do que a célula local (com exceção dos pregadores itinerantes).*
- *Visão pela evangelização de um mundo perdido.*
- *Sectarismo: certeza de possuir a verdade que ninguém mais possuía.*

C. Hermenêutica: o lugar da Bíblia na igreja

- *Apego radical à Bíblia: nem credos, nem papas, nem concílios, mas sim a Bíblia lida por eles mesmos, freqüentemente camponeses simples.*
- *O lugar para estudo bíblico que podia valer como autoridade: a comunidade de fiéis (na universidade).*
- *O princípio cristológico na leitura bíblica. Marpeck: a relação entre os testamentos é de promessa e cumprimento. Conhecer a Jesus modifica todos os demais: ele determina nossa aplicação de todo texto bíblico.*

D. Pluralismo.

- *Este pluralismo não foi ideológico: Muitos grupos tinham uma mentalidade extremadamente sectária: criam-se os únicos possuidores da verdade cristã.⁴*

Os Radicais Suíços: Felix Mantz; Conrad Grebel e Miguel Sattler

O movimento anabatista suíço começou entre os reformadores de Zurique, que apoiavam a Zwínglio no começo, mas que depois começaram a divergir dele, quanto às fidelidades e quanto à última autoridade a que deviam submeter-se. Um dos líderes desse grupo era Conrado Grebel (1498 – 1526) um jovem humanista que há pouco havia retornado da Universidade de Paris. Grebel era de uma família tradicional e importante na vida de Zurique e até mesmo na sua história. Estudou em Basiléia e Viena também. Foi influenciado pelo humanista Glareano (1468 –1563), Vadiano (1484 – 1551). Em Paris conheceu a Lefèvre d'Étaples e a Guilherme Budé. Foi influenciado por alguns dos mais destacados humanistas de seu tempo. Quando voltou a Zurique se tornou um dos melhores alunos de Zwínglio que tinha planos para ele e para Mantz no Colégio que pretendia fundar. Quando se casou em 1522, rompeu com seu pai, e passa por uma mudança interior que o faz tornar-se um ardoroso defensor da Escritura, a princípio apoiando decididamente a Zwínglio e depois se afastando dele.

⁴ [www_menonitas_org Los Anabautistas14.htm](http://www.menonitas_org/Los_Anabautistas14.htm)

Conrad Grebel teve atritos com os monges, invadindo e interrompendo a pregação deles a respeito de venerarem os santos. Apesar de ter recebido uma advertência, acabou por prevalecer com o apoio de Zwínglio e quem teve de se adequar foram os monges. Outros e que tinham opiniões semelhantes às de Grebel eram os sacerdotes Simón Stumpf, Jorge (Cajacob) Blaurock, Guilherme Reublin, João Brotli; e Félix Manz, jovem estudante como Grebel, de 20 e poucos anos, filho ilegítimo de um sacerdote.

Outra questão foi a dos dízimos, a princípio Simón Stumpf negou-se a pagar o dízimo e depois diversas comunidades fizeram o mesmo. O conselho da cidade de Zurique negou a competência do bispo nesse caso e resolve decidir a questão. Em relação às comunidades, mantém o dízimo, mas promete eliminar abusos quanto ao mesmo. Aí começam as separações, Zwínglio apóia o conselho, Grebel ficou com as comunidades. Ele desejava uma igreja livre e reformada a partir da Palavra de Deus e não a partir da autoridade civil.

Um outro ponto de divisão entre este grupo e Zwínglio foi a respeito da eucaristia, mas o tema que selaria a divisão seria o do batismo. Nos primeiros meses de 1524 Reublin e Brotli já pregavam contra o batismo infantil e se negavam a batizar aos recém nascidos nas suas paróquias. Meses mais tarde o grupo escreveu cartas a vários líderes protestantes, expondo suas razões sobre diversos pontos. Quanto ao batismo só para crentes argumentam que pelo batismo o crente passa a fazer parte da comunidade cristã, e que há de ser reflexo de sua experiência e compromisso pessoal.

Apesar de todas as tentativas de Zwínglio e até do Conselho de Zurique, não se conseguia demover o grupo de suas novas posições assumidas. Felix Mantz pede que seja realizado um debate entre os representantes dos anabatistas e Zwínglio, para que o Conselho tome as posições certas. Mas em 18 de janeiro (Dreher diz 15 de janeiro) o Conselho convoca uma reunião, porém não permitiu o debate mas sim decidiu que todas as crianças deveriam ser batizadas sob a ameaça de que seriam expulsos aos que não obedecessem, e também avisava que usaria a força para que todos se submetessem a esta decisão.

A resposta do grupo de Grebel foi reunir-se para orar. Tinham uma semana para responder. Em 21 de janeiro (ou em 25 de janeiro segundo Dreher), na casa de Felix

Mantz realizaram em Zollikon, o primeiro anabatismo, houve o rompimento definitivo com Zwínglio e a Reforma oficial em Zurique. Esse batismo não foi por imersão, só o fizeram mais tarde.

Até aqui nunca haviam discutido a questão de se rebatizar adultos, todas as discussões envolviam a questão de batizar ou não crianças recém nascidas. Uma antigússima história conservada pelos irmãos hutteritas, conta-nos como foi isto.

“Llevaban bastante tiempo reunidos y una profunda angustia se apoderó de sus corazones. Empezaron a doblar la rodilla ante el Dios que es exaltado en los cielos, clamando a él como a quien sabe lo que hay en los corazones de los hombres, rogando que les permitiese hacer su voluntad divina y que les mostrara su misericordia; porque la carne y la sangre y la imaginación humana no era lo que les impulsaba. Bien sabían lo que tendrían que sufrir y aguantar por causa de ello.

Después de la oración Jorge Cajacob se levantó y le pidió a Conrado Grebel que por amor de Dios le bautizara con un bautismo cristiano verdadero, como consecuencia de su fe y su confesión. Y ya que estaba de rodillas, rogándole con un deseo tan conmovedor, Conrado le bautizó, porque no había presente ningún ministro ordenado para hacer tal cosa. Una vez hecho esto, los demás de la misma manera rogaron a Jorge que les bautizara, lo cual hizo porque se lo pedían. Así con gran temor de Dios se encomendaron unos a otros al Nombre del Señor, se reconocieron mutuamente como ministros del Evangelio, y empezaron a predicar y guardar la fe. De este modo comenzó la separación del mundo y sus obras perversas.”⁵

Em 06 de março de 1526, há o primeiro decreto que estabelece a pena de morte para quem se declarasse anabatista. Felix Mantz, talvez o mais corajoso deles, e um dos mais convictos, morreu antes dos 30 anos de idade. Era um evangelista decidido, e trouxe a muitos ao modelo de fé, foi muito perseguido, e aprisionado várias vezes até 1526 quando é preso e deveria comer pão e água até que morresse. Mas em 1527 foi condenado a morrer nas águas frias do rio Limmat em Zurique. Foram feitos esforços para demovê-lo de sua fé, mas sem sucesso e assim foi o primeiro afogado em 05 de junho de 1527. Conrad Grebel adoeceu e morreu um pouco antes.

Depois dos primeiros batismos, continuaram a reunir-se em Zollikon, nas casas para orar, praticarem a ceia do Senhor e depois de algumas semanas, começaram a praticar o

⁵ [www_menonitas_org Los Anabautistas3.htm](http://www.menonitas_org/Los_Anabautistas3.htm)

batismo por imersão. O resultado imediato foi o surgimento de uma igreja alternativa, e eles se lançaram a um trabalho de divulgação e até mesmo de batismo dos simpatizantes de seu movimento.

Os anabatistas foram pioneiros na reivindicação da separação entre a Igreja e o Estado, queriam liberdade para as comunidades e igrejas de cada povoado em tomar decisões a respeito da vivência da sua fé. A sua atitude de independência em matéria de fé, levou-os a serem vistos como perigosos agitadores sociais e parte de seu sofrimento é resultado mais de preconceitos do que questões definidas. Criam que as reformas deveriam ser feitas pelos que estão nas igrejas locais e não pelos que estão nas esferas do poder daquela época.

Porém a sua pregação sempre apaixonada estimulou as ondas iconoclastas e agressões contra os símbolos da religiosidade católica. Essa postura levou a Zwínglio a ficar ao lado do Conselho temendo um possível caos social. Zwínglio a princípio até concordava com algumas posições dos anabatistas a respeito de não terem fundamentos bíblicos certos ritos religiosos da missa, do batismo e da ceia. Algumas reformas ele vai fazer no futuro, mas para Zwínglio a responsabilidade pelas mudanças era do Conselho de Zurique e era seu dever cristão apoiá-los e obedecer-lhes.

Michael Sattler

Depois da morte de Grebel em 1526 e de Mantz em 1527, Michael Sattler se torna o líder mais destacado entre os irmãos suíços. Sattler era grandemente considerado pela sua piedade cristã. Seu martírio ocorreu somente alguns meses em seguida ao de Mantz.

Michael Sattler nasceu aproximadamente 1495 ,em Staufen perto de Freiburg em Baden. Educado na universidade de Freiburg, Sattler entrou para o mosteiro de St. Peter perto de Freiburg como monge. Com seus estudos das Escrituras e influenciado pela nova teologia da reforma, Sattler saiu do monastério em 1523 e casou-se com uma freira. Sattler se juntou com os irmãos suíços em Zurique, onde foi banido em 18 de novembro de 1525. Pregou em vários lugares, indo mais tarde a Estrasburgo na Alsácia. Ele se relacionou bem, no começo, com Capito, Zell e Bucer, os reformadores dali.

Em 24 de fevereiro de 1527, Sattler presidiu uma conferência dos Irmãos Suíços em Schleithem, no cantão de Schaffhausen. Ele apresentou nessa conferência uma confissão de fé que foi aprovada por unanimidade e adotada por todos. Ela foi impressa sob título: "Bruderliche Vereinigung Etlicher Kinder Gottes" (A União Fraternal de Alguns dos Filhos de Deus), tornou-se a confissão de fé dos irmãos suíços. A confissão foi considerada importante para ser refutada por Zwinglio e por Calvino.

A Confissão Schleithem, em fevereiro de 1527.

Preocupados em definir uma identidade que pudesse deixar claro as bases principais de sua fé, ao mesmo tempo em que impediria de serem confundidos com movimentos anabatistas marcados por exageros visionários, reuniram-se nesta cidade líderes, não se sabe bem quantos ou quais, para tomarem esta posição. Os temas que foram abordados na Confissão foram os seguintes:

1. Afirma-se o Batismo só de crentes
2. A separação dos que caem no erro do pecado, a excomunhão. Aqui simplesmente seguem Mateus 18.
3. O partir do pão. Defendem uma comunhão fechada, ou seja, só podem participar os que são membros comprometidos da comunidade e que vivem em santidade.
4. É exigida absoluta rejeição de toda "servidão da carne", deve-se afastar de todo o tipo de pecado, maldade, idolatria e abominação. Inclusive freqüentar bares e cultos tais como o culto das igrejas romanas, luteranas e zwingliana. É proibido o uso de armas até em defesa própria.
5. Cada congregação escolhe seus próprios pastores, que devem gozar de boa reputação dentro e fora da comunidade e, por meio deles, administrar sua disciplina.
6. Quanto ao governo civil, diziam ser necessário nesse mundo imperfeito, mas o cristão nele não deve participar, nem tomar armas ou lançar mão de coerção,
7. O cristão sempre deve dizer a verdade e não fazer qualquer tipo de juramento.

Michael Sattler foi capturado pelas autoridades católicas romanas austríacas em Horb, em 17 de maio de 1527 e levado para Rottenburg, foi martirizado em 21 de maio de 1527.

"Na manhã desse dia este nobre homem de Deus, sofrendo uma horrível tortura, orou pelos seus juizes e perseguidores e admoestou os povos ao arrependimento. Resistiu a tortura inumana estipulada na sentença. Então seu corpo já bastante ferido foi amarrado a uma escada. Orou outra vez pelos seus perseguidores quando a escada foi colocada em cima da estaca. Tinha prometido a seus amigos

*dar-lhes um sinal da estaca ardente, mostrar que permanecera firme até o final, resistindo a tudo por Cristo. O fogo queimou as cordas que o prendiam permitiu que levantasse uma das mãos para cima dando o sinal prometido. Logo seu espírito ficou livre para estar com Ele a quem tinha sido fiel mesmo da mais extenuante tortura, um herói verdadeiro da fé."*⁶

Em seguida ele é aprisionado pelas autoridades austríacas e posto na cadeia, em Rotemburgo (21 de maio de 1527), morreu queimado e sua esposa afogada.

BIBLIOGRAFIA

- D'Aubigné, J. H.** *História da Reforma do Décimo Sexto Século*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana.
- Dreher, Martin N.** *A Crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Coleção História da Igreja).
- Elton, G. R.** *A Europa Durante a Reforma 1517 – 1559*. Tradução de Ana Hatherly. Lisboa: Editorial Presença.
- Faircieth, Samuel D.** *Esboço da História dos Baptistas (súmula do livro A History of the Baptists por Robert G. Torbet)*. Leria: Edições Vida Nova. 1959
- Schaly, Harold.** *Os Anabatistas*. Apostila não publicada.
- Walker, W.** *História da Igreja Cristã*. Tradução D. Glênio Vergara e N. Duval da Silva. São Paulo: Aste e Juerp. 1983
- Wenger, John Christian.** *Compendio de Historia y Doctrina Menonitas*. Traduzido por Ernesto S. Vilela. Buenos Aires: La Aurora, 1960
- Willians, G. H.** *La Reforma Radical*. México: Fondo de Cultura Económica. 1983

PESQUISA NA INTERNET

<http://www.anabaptists.org/history> (várias páginas)
[http://www.anabaptists.org/Anabaptists Separate by Choice, Marginal by Force.htm](http://www.anabaptists.org/Anabaptists%20Separate%20by%20Choice,%20Marginal%20by%20Force.htm)
<http://www.wittenberg.de/e/seiten/st011000.html>
<http://www.hccentral.com/nelson1/index.html#toc>
<http://www.mennonitas.org/anabaptistas>
<http://www.bible.org/docs/history/schaff>
http://www.sobrestapiedra.com/archivo_historia_cristiana/estep

Os livros seguintes também foram tirados da Internet:

- Amaya, Ismael E.** *LOS FORJADORES DE NUESTRA FE (La Reforma Religiosa del Siglo Dieciséis)*
- Lindsay, Tomás M.** *La Reforma y Su Desarrollo Social*. Biblioteca de la Historia Cristiana

⁶ [www.anabaptists.org/history/Anabaptists Michael Sattler -- Mennonites in Europe and Martyrs Mirror.htm](http://www.anabaptists.org/history/Anabaptists%20Michael%20Sattler%20--%20Mennonites%20in%20Europe%20and%20Martyrs%20Mirror.htm) (traduzido)